

VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES EM COMUNIDADES DO ORKUT: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFESSORAL

VIOLENCE AGAINST TEACHERS IN ORKUT COMMUNITIES: CONSTRUCTION OF PROFESSORIAL IDENTITY

Morgana Soares da Silva¹

Resumo: Este estudo tem o objetivo de investigar as construções de identidades professorais veiculadas em textos e imagens divulgados em comunidades do Orkut por alunos que agridem professores. Metodologicamente, procedemos à análise qualitativa do material discursivo presente em uma comunidade virtual, *corpus* desta exposição. Teoricamente, fundamentamo-nos nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso, representada por Fairclough (2001, 1997), e dos Estudos Culturais, representados por Bauman (2005); Hall (2002; 2000); Silva (2000) e Woodward (2000).

Palavras-chaves: identidade; discurso; redes sociais.

Abstract: This study aims to investigate the construction of professorial identities conveyed in texts and images published in Orkut communities by students who assault teachers. Methodologically, we proceed to a qualitative analysis of the discursive material present in a virtual community, the corpus of this exposition. Theoretically, it is based on assumptions of Critical Discourse Analysis, represented by Fairclough (2001, 1997); and Cultural Studies, represented by Bauman (2005), Hall (2002, 2000), Silva (2000) and Woodward (2000).

Keywords: identity; discourse; social networks.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo precípuo de investigar a construção da(s) identidade(s) de professor(es) em textos produzidos por alunos filiados a uma comunidade do Orkut, espaço virtual desvinculado da instituição escolar. Especificamente, analisamos a violência contra professores praticada por alunos em interação social/virtual mediada pela linguagem e observamos como as potencialidades da internet (anonimato, distanciamento espacial, regras sociais próprias) interferem na identidade professoral construída por alunos fora do ambiente institucional, na tentativa de responder a seguinte questão de pesquisa: *Quais são as identidades sociais de professores construídas por alunos fora da instituição escolar e acobertadas pelas possibilidades da internet?*

¹ Universidade Federal de Pernambuco/Doutoranda do PPGL; Universidade Federal Rural de Pernambuco/Professora Assistente do Curso de Letras/UAG. E-mail: morg_soares@yahoo.com.br

Ao analisar como os alunos moldam as identidades de professores no emprego de diferentes linguagens em comunidades do Orkut, pretendemos realizar o que Fairclough (2001) diz ser pouco percebido: o uso da linguagem moldando as identidades sociais². Dada a importância do autor supracitado para a Análise Crítica do Discurso (doravante, ACD), escolhemo-lo como nosso aporte teórico, juntamente com alguns autores dos estudos culturais pós-modernos (como BAUMAN,2005; HALL,2002,2000; SILVA,2000; WOODWARD, 2000) e alguns seguidores dessas correntes teóricas (como CELANT; MAGALHÃES, 2002; HOFFNAGEL, 2010; MOITA LOPES, 2003; ROLLEMBERG, 2003; SILVEIRA, 2002; SOUZA, 2008).

1. DISCURSO, LINGUAGEM E TEXTO: FERRAMENTAS PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Para a ACD, o **discurso** é uma prática ideológica que mantém e transforma as relações de poder, como afirma Fairclough (2001). Em paralelo os analistas do discurso, estudiosos culturais, principalmente os pós-modernos Bauman (2005), Hall (2002, 2000) e Woodward (2000), defendem que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17). Vê-se aqui uma total compatibilidade entre as constatações linguísticas e antropológicas, o que justifica nosso aporte teórico.

A proximidade entre os pressupostos das duas áreas confirma-se, quando constatamos que diferentes tipos de discurso, em diferentes domínios ou **ambientes institucionais**, são (re)investidos política e ideologicamente, como creem Celant & Magalhães (2002), Fairclough (2001), Moita Lopes (2003), Rollemberg (2003) e Silveira (2003). Essa mudança ideológica é operada através da **linguagem**, a partir da produção linguageira realizada por sujeitos sociais que inter(agem) dentro das instituições. Partiremos, pois, da concepção faircloughiana de linguagem como forma de prática social que abarca as relações sociais.

Nesse ínterim, os **sujeitos** sociais são “moldados pelas práticas discursivas, mas também são capazes de remodelar e reestruturar essas práticas”, são “capazes de agir como agentes e, entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos

² Segundo o autor, o processo contrário – as identidades sociais afetando a linguagem – é reconhecido e investigado.

variados de discursos a que eles recorrem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 70, 87). O sujeito da ACD e dos pesquisadores pós-modernos é descentrado e, portanto, constrói identidades similarmente descentradas. Além disso, Fairclough (2001, 1997), Hall (2002) e Hoffnagel (2010) defendem que os falantes tentam construir as identidades de outras pessoas através da *performance* verbal, que acreditamos se revelar nos textos, fenômeno observado na análise dos dados.

A partir das teorias sociais críticas e construtivas de nossa base teórica, concebemos a(s) identidade(s) como construída(s) na interação social, através da negociação produzida em encontros sociais, (trans)formadas nos sistemas culturais (BAUMAN, 2005; HALL, 2002, 2000; HOFFNAGEL, 2010; WOODWARD, 2000). Hall (2002, 2000) e Woodward (2000) explicitam que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos que as representam. Como os sistemas, as posições-de-sujeito e a linguagem; as identidades também devem ser tomadas como abertas, contraditórias, inacabadas, múltiplas e fragmentadas. Isso significa dizer que

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] Somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2002, p.13).

A complexa modernidade líquida nos faz assumir diferentes identidades por estarmos em contato constante com diferentes instituições e ambíguos discursos, que se combinam e se (re)investem nos diversos encontros sociais. As fronteiras dissolvidas e as continuidades rompidas da modernidade destroem as certezas e as hierarquias, modelam e remoldam as relações sociais e, por conseguinte, os sistemas de representação nos quais as identidades se localizam, construindo novas identidades (HALL, 2002, 2000; WOODWARD, 2000; BAUMAN, 2005). A globalização modifica as identidades, tornando-as “mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2002, p. 87).

Acreditamos que os **textos** devem ser acrescidos à discussão suscitada pelos teóricos culturais. Em consonância com a *Análise do Discurso Textualmente Orientada* proposta por Fairclough (2001), cremos que os textos manifestam a prática discursiva e constroem identidades sociais, já que são as produções de linguagem que instauram as posições-de-identidade. Defendemos que a produção, a distribuição e o consumo de textos são instrumento de reprodução ou transformação da ordem de discurso existente e das relações sociais e assimétricas (FAIRCLOUGH, 2001).

Na mesma direção, Woodward (2000, p. 76), teórico cultural, prega que

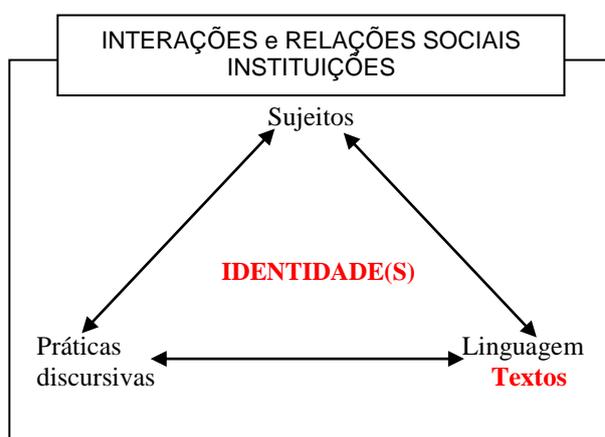
[...] identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística [...], não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. [...] Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

As palavras anteriores, principalmente nos trechos destacados, evidenciam que a linguagem é considerada como responsável pela concretização das identidades construídas pelos sujeitos sociais. Entrelaçando as palavras de Woodward (2000), Fairclough (2001) e Hall (2002) supracitadas; damos o crédito da construção identitária aos textos, visto que eles são os responsáveis pela materialização e divulgação das identidades construídas na prática discursiva.

O papel relevante dos textos pode ser observado no desempenho de papéis sociais como o de **professor** e de **aluno**, dentro da instituição escolar. Na escola, sujeitos que são mulheres, mães, adultas, heterossexuais, dentre outras possibilidades, podem ocupar a posição de professor; enquanto homens, filhos, adolescentes, homossexuais, dentre outras possibilidades, podem ocupar o papel de aluno. A relação professor-aluno é mediada por textos diversos (a fala cotidiana, a apresentação nos primeiros dias de aula, as perguntas e respostas sobre a vida de cada um, as informações acadêmicas presentes na caderneta, a interação do dia-a-dia etc.) que constroem as identidades dos próprios autores e dos outros interactantes. Fairclough (2001) corrobora esse pensamento, ao afirmar que o ensino é a atividade discursiva que posiciona os sujeitos sociais como professor e aluno, papéis sociais e identidades construídos discursivamente na interação social. Tanto para o linguista quanto para estudiosos culturais, como Woodward (2000) e Hall (2000), os sujeitos vivem no interior de instituições que constituem os “campos

sociais”, a exemplo das instituições educacionais. As instituições geram diferentes papéis sociais, que constroem e legitimam diferentes identidades.

Explicado o processo de construção identitária e seus conceitos correlacionados, arriscamos sintetizar de forma didática o processo de construção identitária no esquema a seguir:



Esquema 1: Processo de construção identitária

No esquema, defendemos que a construção identitária se dá dentro das instituições, abarcada pelas regras sociais de interação, e através da ação dos sujeitos sociais, ao construírem e serem construídos pelas práticas discursivas. A agentividade desses sujeitos nos fez colocá-los no topo da pirâmide. Por sua vez, as práticas discursivas constituem e são constituídas pela produção de textos, em sua diversidade de linguagens. A dialética entre os três elementos angulares da pirâmide constrói as identidades sociais. A divisão da responsabilidade pelo processo de construção identitária e a dialética entre as categorias nos fez colocar o fenômeno no centro da pirâmide. A cor vermelha do texto demonstra seu papel relevante no processo e a tendência textual de nossa perspectiva.

Apesar do caráter gerador de identidades constitutivo das instituições, é necessário ressaltar que, na modernidade líquida e fluida:

não se deve esperar que as estruturas [...] durem muito tempo. [...] Autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas... (BAUMAN, 2005, p. 57-58) [...] Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44)

Ressaltamos que, ao mesmo tempo em que as instituições consagram identidades, a modernidade móvel as transforma. É o que acontece com os professores e alunos de

nosso *corpus*. Enquanto a escola consagra a hierarquia de poder, na qual o professor deve ser respeitado e admirado por questões sociais, acadêmicas e de tradição; outras interações sociais, como as mediadas pela internet, modificam esses posicionamentos, interferindo nas identidades e construindo novos atributos para cada uma delas.

Na internet as regras sociais se transformam por causa do distanciamento espacial, do anonimato em suas diversas formas, da camuflagem de nomes e imagens, da fluidez da autoria e da dificuldade de atribuir responsabilidade pelo dito, entre outros. Apesar de suas idiossincrasias, “o mundo social da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade. Assim, a cacofonia das comunidades virtuais não representa um sistema relativamente coerente de valores e normas sociais...” (CASTELLS, 2003, p. 48). Para Castells (2003), as comunidades virtuais moldaram comportamentos e organização social embasados na liberdade de expressão global e na formação autônoma de redes, sendo um instrumento de organização, de ação coletiva e de construção de significados e de identidades, que, assim como os papéis sociais desempenhados, podem ser falsas.

Por estarem fora dos muros institucionais da escola, nas interações virtuais em comunidades do Orkut, ao falar de seus professores, os alunos sentem-se à vontade para construir novas identidades que são atribuídas de forma violenta aos professores. Nesse ambiente nada institucional, os professores estão longe e não têm a possibilidade ou espaço de contestação, enquanto os autores dos textos e responsáveis pela construção das identidades pejorativas e humilhantes são protegidos pelas características da internet.

Herring (2002 apud HOFFNAGEL, 2010) discute a cyberviolência e constrói quatro categorias para ela, a saber: i) contato *online* que leva à injúria *offline* – impressão falsa de si mesmo para conseguir a confiança de alguém e realizar abuso sexual e roubo no contato pessoal; ii) cyber perseguição – monitoramento das ações de uma pessoa para intimidá-la; iii) representações degradantes – palavras ou imagens degradantes e danosas a grupos e iv) tormento *online* – uso repetido de gestos, palavras ou ações mediados pelo computador para ferir, incomodar ou abusar de alguém. Hoffnagel (2010) acrescenta mais dois tipos de cyberviolência, a saber: v) o estupro virtual – personagens virtuais femininos representativos de usuários de determinado ambiente virtual são violentados sexualmente por personagens masculinos em jogos e simulações e vi) a raiva webiana – atos violentos, como bater na mesa, quebrar um objeto, chacoalhar o monitor etc., cometidos pelos usuários ao se irritarem com problemas técnicos da máquina, do sistema ou da conexão. Empiricamente, percebemos que o Orkut dá margem a todos esses tipos de violência; porém, cientificamente, nosso *corpus* só têm condição

metodológica de comprovar a prática das “representações degradantes” e do “tortimento *online*”, como demonstraremos mais à frente.

2. A IDENTIDADE PROFESSORAL CONSTRUÍDA POR ALUNOS EM COMUNIDADES DO ORKUT

O poder sociológico da internet pode ser visto na proliferação infindável de comunidades de redes sociais, como as do Orkut. A cada dia, novos grupos são criados e inúmeros usuários cadastram-se, na tentativa de “estar mais próximos” de outras pessoas que compartilhem com eles crenças, valores, pensamentos e atitudes. É evidente que a compatibilidade ideológica entre os usuários é fator fundamental para o sucesso de uma comunidade do Orkut e que essa compatibilidade é efetivada nos textos produzidos pelos participantes. Neles, é possível observar a construção de identidades diversas. Em virtude disso, analisar uma comunidade que tenha alunos como participantes tornou-se fundamental para nossa investigação.

Nosso *corpus* foi analisado de forma qualitativa, nos moldes de um estudo de caso. Para a escolha do exemplar analisado, observamos panoramicamente 9 comunidades, o que resultou nos dados que resumimos no quadro abaixo:

TÍTULO	MODERADOR ORKUT E DONO	ABERTA AO PÚBLICO	NOMEAÇÃO DE PROFESSORES	AGRESSÃO A PROFESSORES EM TÓPICOS	DATA DA ÚLTIMA POSTAGEM EM FÓRUMS	TÓPICOS EM FÓRUM	POSTAGENS DO MAIOR TÓPICO	ENQUETES	MEMBROS
1. Prof ^o . pode entregar amanhã?		não							
2. Ah! Esse sinal que não toca		não							
3. Prá que escola? Tem google		não							
4. Vamos conversar		não							
5. Pq Prof chato nunca falta?		não							
6. Dá licença, estou copiando!	sim	sim	não	não	18/06/2010	6	554	36	165924
7. Eu odeio professor que dá sermão	sim	sim	não	sim	11/01/2009	3	1	não	251
8. Mato aula para não matar o professor	sim	sim	sim	sim	18/06/2010	6	1464	não	174374
9. O que eu faço é problema meu	sim	sim	sim	sim	18/06/2010	23	482	18	79841

Informações coletadas em cada comunidade do Orkut, disponível em www.orkut.com.br, acesso em 18 jun. 2010

Quadro 1: Amostra e escolha do *corpus*

O quadro anterior revela informações importantes para a escolha da comunidade, que se baseou nos seguintes critérios-chave: ser criada por alunos, ter dono e moderador definidos, ser aberta ao público³ em geral e cometer violência contra professores. O critério de abertura ao público eliminou as 5 primeiras comunidades observadas. O último

³ O que nos desobriga de solicitar uma autorização prévia à publicação deste trabalho, pois ela não seria concedida em virtude do caráter violento dos discursos proferido. Por uma questão de ética e de privacidade, na tentativa de resguardar os autores dos textos, em todas as figuras exemplificadas, tarjamos o rosto, os nomes e outras informações pessoais.

eliminou a comunidade 6, por não nomear especificamente os professores e por não cometer, até o momento da coleta, violência contra eles. Isso se deve ao fato de o professor não ser o tema da comunidade, que propõe apenas discutir sobre a ação de copiar as informações do quadro negro. Restaram, portanto, três comunidades que poderiam ser analisadas. A eliminação das outras duas se deu pelo número das enquetes e dos tópicos nos fóruns. Supomos que quanto maior for a quantidade de tópicos e os questionamentos para votação, maiores serão os dados oferecidos à análise. Assim, elegemos como nosso *corpus* a comunidade *O que eu FAÇO é PROBLEMA MEU!*, coletada em 18/06/2010, das 11h53 às 14h24, em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=98194152>⁴.

Ao acessar a comunidade selecionada, o leitor se depara com as seguintes informações:

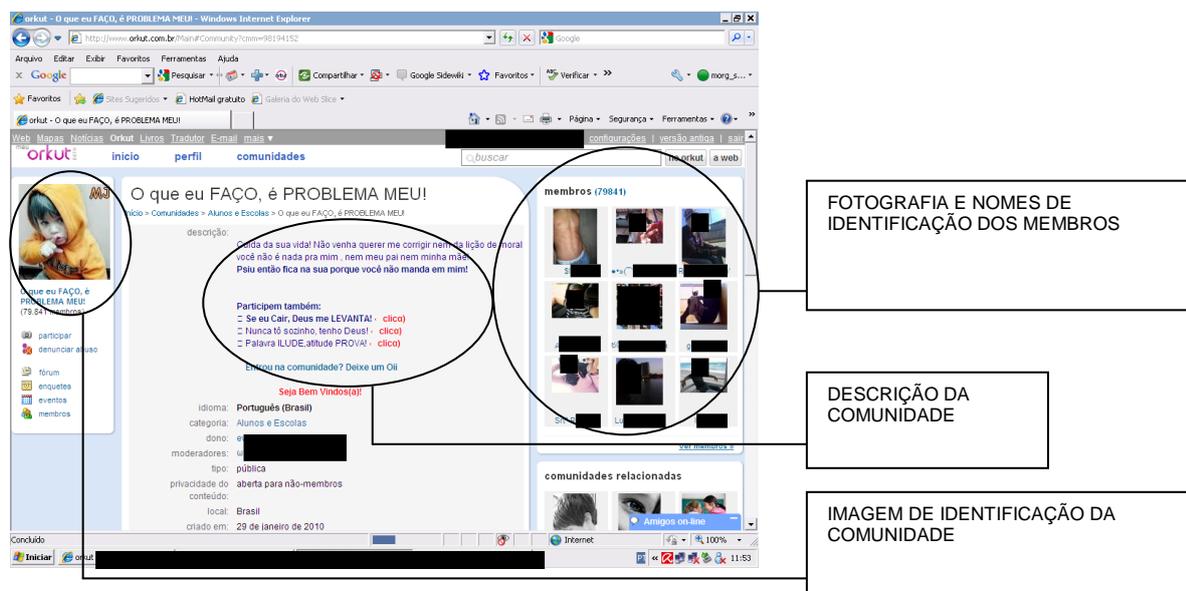


Figura 1: Primeira tela da página inicial da comunidade

Na **página inicial**, textos de linguagens diversas se juntam para construir as características da comunidade. A identidade da comunidade é o ponto de partida para a construção da identidade professoral, pois os membros só se filiarão a ela, se houver identificação com os discursos construídos pelo dono e pelo moderador.

Os trechos destacados nas figuras 1 revelam a identidade da comunidade e sinalizam a identidade professoral construída. A criança com o dedo na boca,

⁴ Todos os textos e imagens analisados têm esta mesma referência. Por isso, tornou-se desnecessário repetir a data e o endereço em cada figura. Os horários de coleta estão localizados no canto direito inferior de cada imagem.

foto/imagem de identificação da comunidade, é um texto de linguagem icônica que constrói uma representação singela e inocente, um argumento a favor da filiação de novos membros. Ao fazer a busca no Orkut por comunidades, os leitores se deparam com três informações que a representam: a foto/imagem, o título e um trecho da descrição. Essas informações têm, na verdade, um caráter persuasivo bastante incisivo. Como a maioria dos candidatos solicita sua participação sem ler detalhadamente as informações do ambiente, ter como imagem de exibição uma criança tão inocente pode camuflar o caráter violento por nós constatado.

Em contrapartida, o título *O que eu FAÇO é PROBLEMA MEU!*⁵ e a descrição *Cuida da sua vida! Não venha me corrigir nem dar lição de moral você não é nada para mim, nem meu pai nem minha mãe! Psiu então fica na sua porque você não manda em mim!* revelam um discurso que contesta de forma violenta a autoridade do professor. Essa autoridade, identidade que anteriormente era aceita e difundida, hoje é reconstruída por palavras como “é problema meu”, “cuida da sua vida”, “você não é nada para mim” e “fica na sua”; que ridicularizam, ignoram, desprezam e desumanizam os professores, antes respeitados, nos moldes do que alertou Bauman (2005).

É verdade que o conteúdo desses textos demonstra um discurso corriqueiro entre alunos com raiva de professores. De fato, discursos como “Por que esse professor acha que manda em mim, se ele não é nem meu pai nem minha mãe?” e “Se ele não manda em mim, o que eu faço é problema meu!” não são novos. A diferença está somente no fato de que, na instituição escolar, muitas vezes, esse tipo de discurso é pensado ou falado entre poucos alunos. Na internet, ambiente não-institucional, o discurso violento não só é verbalizado, como é exposto ao “mundo todo”, explicitando o desprezo pela autoridade docente e construindo uma nova identidade desrespeitosa. No Orkut, tal explicitude é materializada e moldada pelos textos produzidos pelos alunos.

As imagens e os nomes de identificação dos membros da comunidade destacados na figura 1 revelam a identidade dos participantes e, por conseguinte, o perfil da comunidade. Normalmente, são escolhidos para exibição textos não-verbais que expressam a valorização do corpo, na tentativa de se enquadrar no estereótipo de beleza vigente. A escolha recorrente por partes do corpo em close (como a barriga de *S!* e os cabelos e seios de *Srtª R*), por símbolos de identificação à sua tribo (como a imagem dos dedos de ) e por panos de fundo paradisíacos (como o de *I* e *Lu*) são tentativas de

⁵ Todos os excertos da comunidade, desde os títulos até os textos dos alunos, são transcritos igualmente ao original. Portanto, os redigimos em itálico e solicitamos que considerem haver um (SIC) em cada exemplo fornecido.

construir-se como pessoas modernas, sexys e jovens; identidade compatível com a comunidade e com o resto do grupo. Os nomes auto-atribuídos para exibição no ambiente virtual (como S!;) são tentativas de camuflar seus nomes civis. Os caracteres especiais e o jogo entre maiúsculas e minúsculas dificultam sua localização na busca do Orkut, fazendo com que eles só aceitem a filiação de quem desejam e para quem informam as letras e caracteres corretos. Esse recurso torna a seleção de seus amigos virtuais mais delimitada, confirmando a afirmação de Bauman (2005, p. 31) de que “[...] os ‘grupos’ que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas ‘tentam encontrar ou estabelecer’ hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis, ‘totalmente virtuais’...”. Alguns traços da identidade, assim como os caracteres utilizados, só existem virtualmente. Muitos desses adolescentes são, na sociedade presencial, tímidos e nada arrojados como tentam parecer. Mais uma vez, constatamos que as identidades, na vida virtual, são claramente líquidas e maleáveis à relação social estabelecida no momento da interação verbal, como bem defendem os teóricos culturais e os linguistas que nos embasam.

Os membros que mantêm seus nomes civis (como I, Lu, A e Srt^a R) revelam não ter medo de retaliação e sentem-se onipotentes, sensação típica da localização fora da escola. Eles também demonstram, mesmo que inconscientemente, a crença na liberdade de expressão e na autonomia da rede, características tratadas por Caltells (2003). Ao manter seus nomes e demonstrar não terem medo de ser localizados, os alunos constroem significados e identidades sociais que desfazem a hierarquia escolar e a relação de poder.

A primeira tela, ilustrada na figura 1, é sucedida por outras que

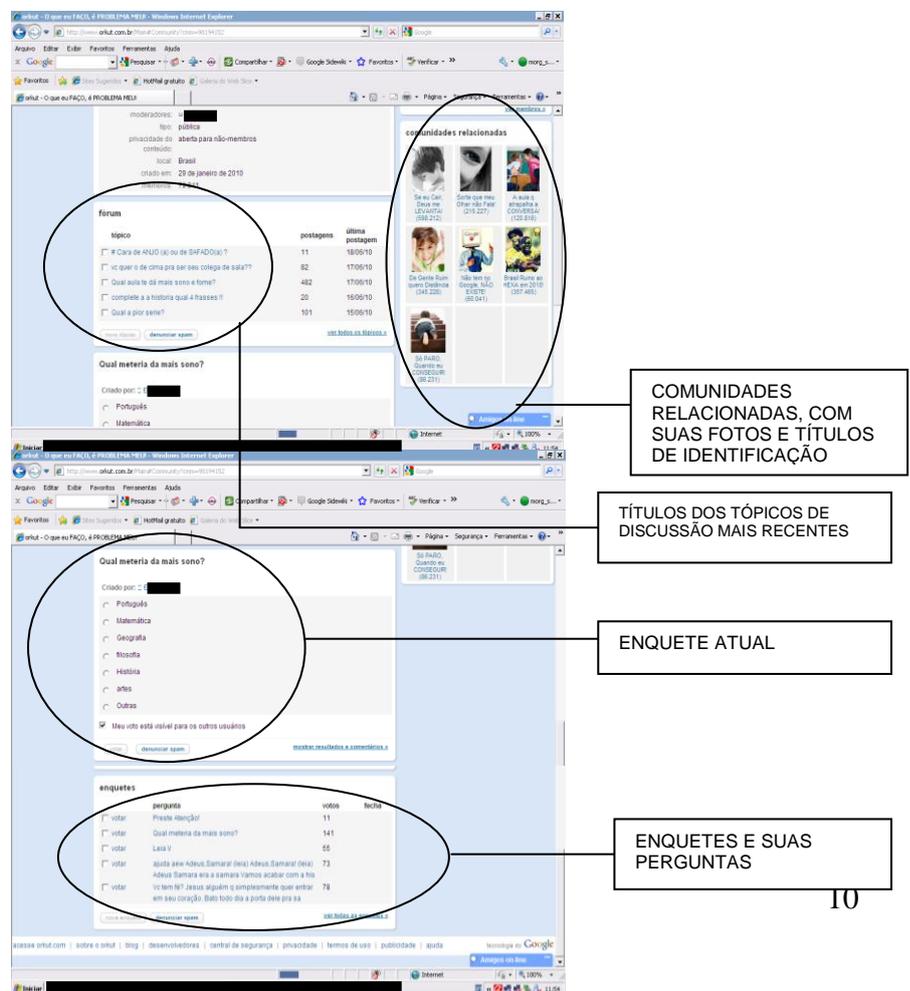


Figura 2: Continuação da página inicial

surgem ao movimento da barra de rolagem. As ilustrações a seguir, junto com a primeira tela, revelam toda a página inicial da comunidade. Esquemáticamente, destacamos trechos significativos à nossa discussão:

Na figura 2 ao lado, encontramos outros indícios da identidade professoral construída.

As **comunidades relacionadas** escolhidas pelo dono e pelo moderador contribuem para construir a identidade da comunidade. Ao associar-se a *A aula q atrapalha a Conversa* (terceira imagem do segundo círculo), o dono deixa bem clara a desvalorização das aulas e, por consequente, dos professores. Junto com outros textos e traços significativos produzidos pelos membros da comunidade, a imagem de dois adolescentes conversando em sala de aula explicita que “o papo” entre eles é mais importante que a aula dada pelo professor. Percebemos, também no título, a transformação das regras

sociais relatadas na seção anterior deste trabalho. Enquanto antes a disciplina e a ordem eram acordos sociais e contratos pedagógicos essenciais para a construção do conhecimento; na internet, os alunos afirmam, nos textos verbais (título) e não-verbais (imagem da conversa), que a aula em nada interessa, “ela até atrapalha!” Indiretamente, essa nova regra social resvala na construção da identidade professoral, pois, se a aula não é mais interessante, o responsável por ela também não o é. Portanto, constrói-se uma identidade professoral composta por desvalorização e descrédito.

Na figura 2 acima, detectamos os recursos virtuais mais expressivos para a veiculação de textos que constroem a identidade de professores: **os fóruns e as enquetes**. Nesses espaços, o processo de construção identitária acontece tal qual foi discutido na seção anterior e resumido no

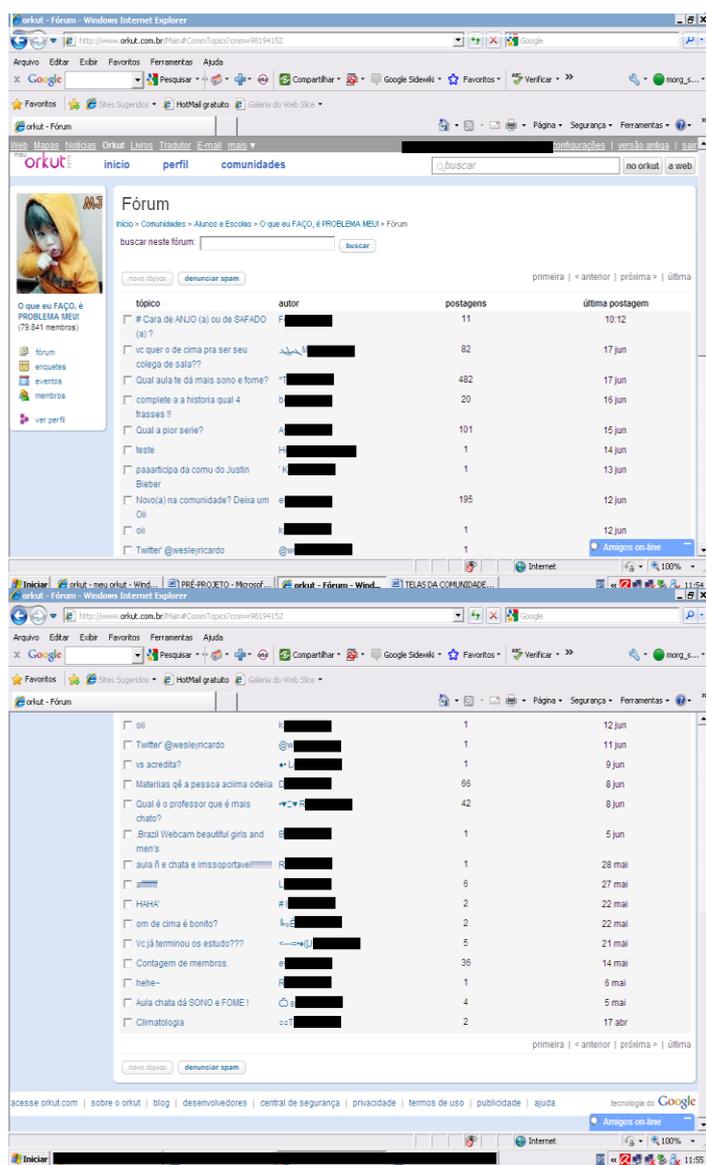


Figura 3: Títulos de todos os tópicos de fóruns

esquema 1. Dentro das relações sociais do Orkut, com suas regras específicas e não-institucionais, os sujeitos sociais alunos constituem e são constituídos por práticas discursivas de desvalorização e desrespeito ao professor. As práticas discursivas constituem e são constituídas a partir da produção de textos (em sua diversidade de linguagens) que constroem a(s) identidade(s) dos professores no ciberespaço.

Os **títulos dos tópicos** do fórum da figura ao lado ratificaram sua importância e visibilidade, porque os títulos rotulam o tema a ser comentado e tornam-se *links* para o tópico onde os alunos escreverão seus textos.

Verificamos que a instauração da construção da identidade professoral se dá pelo título do tópico e pelo texto de abertura. Apenas depois dessa instauração, os demais alunos se posicionam e divulgam seus textos. Constatamos que poucos alunos⁶ abrem tópicos; ou seja, poucos instauram identidades em fóruns. A maioria se atém a comentar a questão postada pelo colega e à identidade construída pela abertura do tópico.

Títulos como *Qual aula te dá mais sono e fome?; Materiias qê a pessoa aciima odeiia; Qual é o professor que é mais chato?; aula ã e chata e imssoportavel!!!!!!!!!!!!; Aula chata dá SONO e FOME!*, retirados da lista completa disponível na figura 3, realizam textualmente o discurso desvalorizante que constrói a posição de professor chato, insuportável e que dá sono e fome. O professor é posicionado de acordo com a representação da aula. Os textos construídos pelos autores listados na segunda coluna da figura são práticas discursivas que (re)moldam a estrutura social construída pela escola. Eles revelam que os alunos se posicionam como os sujeitos sociais definidos por Fairclough (2001), que agem como agentes para negociar os discursos veiculados e construir identidades. A negatividade dessa prática discursiva não está na tomada de poder dos alunos, nem na inversão da hierarquia, já prevista por autores pós-modernos; o problema está somente na violência que alicerça a tomada de poder e a construção do discurso. A performance verbal dos alunos-autores ancora-se na violência verbal, construindo identidades humilhantes e desumanas tratadas por Bauman (2005). Apesar de o autor descrever essas identidades em outros contextos mais políticos, percebemos claramente a similaridade.

⁶ Levando em consideração os 79841 membros.

O papel ativo dos alunos, a instauração da construção da identidade e o despudor em violentar verbalmente o professor podem ser ampliados, ao analisarmos os **textos de abertura dos tópicos**, como alguns ilustrados na figura 4 ao lado.



Figura 4: Aberturas dos tópicos

Por conterem as fotografias e os nomes dos autores, as aberturas revelam que os estudantes não têm medo de ser identificados ou punidos, demonstrando onipotência. Essa sensação, sem dúvida, vem do distanciamento espacial, do anonimato, da dificuldade de atribuir responsabilidade pelo dito e do elevado número de membros da comunidade e do Orkut.

Por estar longe do professor, o aluno liberta-se do respeito, muitas vezes apenas institucional, e profere palavras como *aquela velha chata --- tinha que aposenta; Affli todos são muito chataas!!* Os textos veiculados por B e por L em destaque na figura 4 são realização do que Herring (2002 apud HOFFNAGEL, 2010) chamou de “representação degradante”, cyber violência que constrói representações online na forma de palavras danosas. Como definem os teóricos culturais, as representações, ao final, criam as identidades, nesse caso, pejorativas da sala de aula (*minha sala e um hospício* – Luis Eduardo) e da professora (*aquela velha chata* – Baarbara).

Nos exemplares veiculados na figura anterior, constatamos também que o anonimato no Orkut ganha uma nova roupagem. Não se trata mais da ausência de nomes, mas da **camuflagem por caracteres especiais**, do falso nome, da identificação apenas do apelido ou da apresentação somente do pré-nome. Diante dos milhares de membros com nomes e apelidos iguais, como encontrar e responsabilizar o agressor? Como encontrá-lo na busca do Orkut, se ele redige seu nome com letras repetidas e invertidas, com caracteres especiais como > < : ? @ #, com a mistura de maiúsculas e minúsculas? Essas são formas recorrentes de camuflagem de nomes presente em nosso *corpus*. Assim como Hoffnagel (2010), constatamos que o anonimato é mais um fator contribuinte da impunidade da cyber violência.

Diante da volatilidade, mobilidade e liberdade da internet e das normas e recursos de privacidade do Orkut, a **fluidez da autoria** também contribui para a não atribuição de responsabilidade pelo dito nas comunidades. Depois de os autores abrirem os tópicos, os

demais integrantes da comunidade se posicionam, na maioria das vezes, corroborando com a identidade construída e a violência proferida, como se pode ver na figura 5 a seguir. A contribuição textual daqueles que apenas opinam é normalmente curta. Por exemplo, grande parte das respostas dos membros à pergunta título do tópico *Qual é o professor que é mais chato?* foi o nome do docente ou da disciplina, como fez *M* (ver terceira resposta circulada na figura 5 a seguir), mais um a usar a estratégia de camuflagem de nomes que dificulta a busca pelo usuário na comunidade. Porém, alguns textos produzidos ampliam e potencializam a posição-de-identidade construída pela pergunta. O “professor chato” construído pelo autor desse tópico é ampliado pelos alunos que postam suas opiniões na continuidade do tópico ilustrado a seguir. Os textos destacados no primeiro e no último destaque da figura 5 acrescentam atributos ao chato professor. No primeiro destaque, ele é representado verbalmente como *um saco* e, no último, como *o pior prof...de todos os tempos*, violências verbais presentes na gíria e na valoração depreciativa representadoras de uma identidade humilhante.

Além das estratégias textuais presentes nos exemplares analisados anteriormente; detectamos, na figura 5 ao lado, outras ferramentas linguísticas utilizadas na construção da identidade professoral: a) a imagem icônica (segundo destaque); b) a narração (último destaque).

A imagem icônica, construída a partir do agrupamento e da disposição espacial de caracteres da informática, é um texto que provoca a “representação degradante” descrita por Herring (2002 apud HOFFNAGEL, 2010). Quando os parênteses, as barras e os espaços são dispostos na tela daquela maneira; surge a imagem de duas mãos

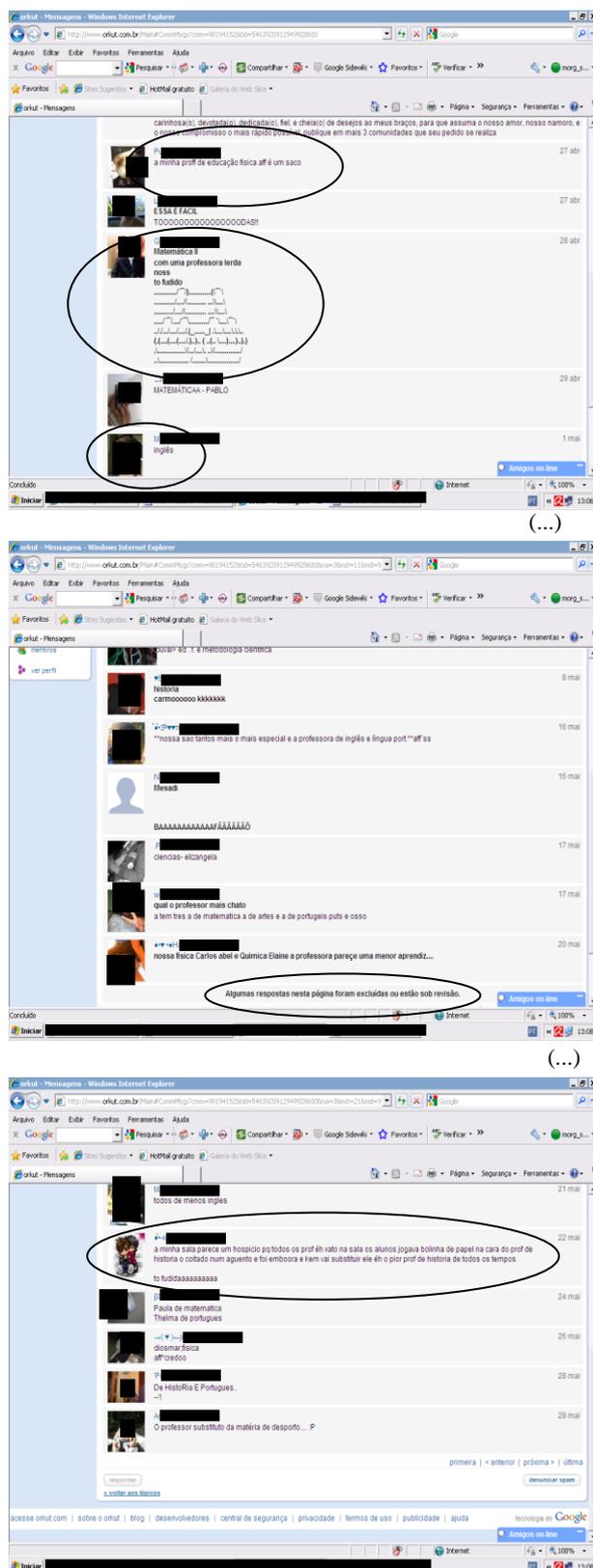


Figura 5: Respostas às aberturas

“dando dedo”. O gesto obsceno e as palavras *Matemática II com uma professora lerda...* constroem a violência explícita que representará de forma degradante a professora de Matemática e construirá uma identidade estigmatizada.

Os **estereótipos** recorrentes no discurso escolar de que “matemática é muito difícil” e de que “todo professor de Matemática é chato” (nas palavras do aluno: “lerdo”) são transpostos para o Orkut, moldando as identidades desses professores a partir do discurso estudantil violento. Ressaltamos que, nos discursos agressivos, essa moldagem pode não ter a ver com a identidade desejada ou construída pelo próprio professor.

Um texto proferido na comunidade instaura uma prática discursiva que valida socialmente a(s) identidade(s) professoral (is), por ser aceita e corroborada pelos outros membros. Segundo Herring (2002) e Hoffnagel (2010), o processo de representação degradante é normalmente dirigido a grupos, e não apenas a um indivíduo. Assim, ao violentar discursivamente sua professora específica, o aluno está construindo a identidade de todos os professores de Matemática e confirmando as representações estereotipadas já existentes.

A **narração** feita por *k* (último círculo) é outra ferramenta linguística que modela a identidade professoral, a partir da violência verbal proferida na comunidade. O discurso sobre a bolinha de papel jogada *na cara* do substituído é utilizado pela aluna como argumento para comprovar o quanto o docente era ruim e sem autoridade; enquanto a identidade do substituto é moldada como o *pior [...] de todos os tempos*. Essa ocorrência comprova a afirmação de Rollemberg (2000, p. 253) de que “as narrativas operam então como instrumentos de construção e reconstrução de nossas identidades sociais, processo esse que é desenvolvido no desenrolar do próprio ato de narrar”.

No trecho *o coitado num aguento e foi embora*, encontramos um novo atributo dado ao professor substituído pela narração da aluna. Além de ser *xato* porque faz parte da categoria de todos os professores, ele passa também a ser *coitado*, merecedor de pena por não ter autoridade e, conseqüentemente, ser incompetente. Com isso, constatamos o quanto as identidades são múltiplas e plurais. O discurso da aluna tem atributos tanto agressivos (*xato*) quanto protecionistas (*coitado*), direções discursivas normalmente opostas e excludentes, mas que coexistem na concepção de identidade por nós adotada – as identidades contraditórias de Hall (2002).

As identidades construídas por *k* para os dois professores de história (o substituído e o substituto) se juntam aos atributos dados pelos demais alunos a professores de outras áreas para representar a classe docente como um todo. A chatice, o fato de ser um

profissional descartável, a incompetência e o merecimento de pena são atributos múltiplos, que juntamente com os conferidos pelos demais estudantes, constroem a identidade professoral. Percebemos, portanto, que as identidades construídas por cada aluno para seu professor específico se juntam para compor a identidade da categoria docente, o que é comprovado na resposta “*todos os professores são chatos*”, dada frequentemente por vários membros.

Antes de finalizar a análise da figura 5, gostaríamos de destacar o aviso do sistema *Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão* (quarto destaque da figura). Esse texto nos releva que o mediador e o dono fazem uma triagem das mensagens postadas no fórum de discussão, ação que incorre em duas consequências: 1) a interferência na identidade construída, pois algum texto pode trazer um atributo que foi apagado⁷; 2) a comprovação de que as mensagens postadas, de fato, revelam a ideologia dos responsáveis pela comunidade, pois, se assim não fosse, eles as apagariam.

Por outro lado, **os títulos, as alternativas e os comentários das enquetes** confirmaram as identidades professorais construídas pelos alunos nos fóruns e na página inicial. Ao observar os **títulos**, constatamos que os professores representados continuam sendo aqueles chatos que executam aulas provocadoras de sono e fome, como em *Qual matéria te da mais sono?; Porque aula chata te da sono e fome??* e *Qual aula vc mais sente sono?* Assim como nos fóruns, os títulos das enquetes têm grande relevância na geração dos atributos identitários dos professores.

Ao responder às perguntas do título das enquetes, os membros da comunidade revelam seu juízo de valor e constroem a representação social de seus professores. Mais uma vez, esse processo se dá alicerçado em um discurso violento e pejorativo. Num primeiro momento, essas respostas são dadas *a priori* pelo proponente da questão; pois, ao construir as alternativas, o autor está dirigindo o discurso dos membros e moldando a identidade a ser construída. Por exemplo, na pergunta *Porque aula chata te da sono e fome??*, venceu *Porque os professores deixa a aula pior ainda*, como 82 votos (23%). Nessa ocorrência, constatamos a adesão dos demais membros à identidade construída pelo aluno proponente da enquete: aquele que deixa a aula mais chata do que já é.

Pela natureza generalizante própria da enquete e da comunidade, não há a vinculação da identidade a um professor específico, mas sim à categoria profissional. Ao

⁷ Como não foram publicados todos os textos, não podemos garantir que mapeamos todas as identidades construídas.

clicar na opção vencedora, cada um dos 82 membros atribuíram aquela característica pejorativa aos professores em geral, corroborando a identidade construída pela autora.

Porém, a moldagem e o controle das respostas dos alunos pelo autor não se dá totalmente. O membro tem a possibilidade de **comentar seu voto** e publicá-lo para que todos leiam. Esse é o espaço onde a voz e a ideologia do votante se explicitam. Ao comentar seu voto, o aluno constrói novos textos violentos. Essa violência pode ser direcionada ao professor, tema da enquete, aos demais membros ou ao autor, destinatário das palavras agressivas da maioria das enquetes.

Os dados analisados nesta seção demonstraram identidade(s) professoral(is) construída(s) por alunos fora da instituição escolar, identidades diferentes daquelas construída por alunos dentro de interações institucionais. Em nosso *corpus*, obtivemos as seguintes categorias de identidade: i) O professor chato; ii) O professor desvalorizado e desacreditado; iii) O professor coitadinho, sem autoridade, portanto, incompetente; iv) O professor lerdo; v) O professor substituível e descartável; vi) O professor que deixa a aula pior do que já é; enquanto que Silveira (2002, p. 299 - 312), ao fazer uma pesquisa de cunho mais institucional, encontrou: “a) Professora maternal, que ama os alunos; b) Professora que cuida e vigia (no tempo, no espaço, no agir); c) A professora ou professor mal-humorada(o); d) A professora ou professor que ‘passa conhecimentos’; e) A professora ou o professor que incentiva a leitura e/ou é boa/bom contador(a) de histórias; f) A professora que brinca e se diverte (com os alunos); g) A professora ou o professor que resolve conflitos; h) A professora desviante: ridícula, irresponsável, medrosa?” A discrepância entre o teor pejorativo das categorias por nós encontradas e o teor valorativo das categorias observadas por Silveira (2002) comprova que, por estarem fora das práticas sociais institucionalizadas pela escola; no Orkut, os alunos operam uma mudança discursiva e social que rompe a hierarquia social e a assimetria de poder, atingindo o ápice do embate social, a violência. Nas comunidades virtuais, os sujeitos-alunos “sentem-se livres” para agredir o professor, produzindo um discurso violento que molda uma identidade professoral humilhante e degradante. Destacamos que esta identidade em nada tem a ver com aquela construída pelo próprio professor de si mesmo, tratamos aqui de um sujeito construindo a identidade de outrem.

Constatamos também que as identidades professorais nas comunidades analisadas são construídas por textos que utilizam as seguintes ferramentas linguísticas, textuais e discursivas: a) Títulos, descrições e imagens de exibição da comunidade; b) Títulos, descrições e imagens de exibição das comunidades relacionadas; c) Títulos de fóruns e

enquetes; d) Alternativas das enquetes; Abertura dos fóruns; e) Caracteres especiais dispostos no espaço visual formando imagens icônicas; f) Narrativa; g) Apagamento e revisão de mensagens postadas; h) Votação da enquete; i) Seleção lexical dos textos produzidos.

Pelas limitações espaciais deste artigo, fizemos apenas um recorte dos dados encontrados. Apesar disso, as reflexões tecidas até aqui nos permitem chegar a algumas considerações que apresentamos na seção seguinte.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os resultados descritos no final da seção anterior evidenciam que as antigas e respeitáveis identidades professorais são (re)moduladas através de recursos textuais e virtuais oriundos do uso que os sujeitos fazem da Web, que acondiciona as identidades construídas linguístico-discursivamente. Constatamos que os sujeitos-internautas, ao produzirem seus discursos, aproveitam-se das características da internet para moldar as identidades professorais pejorativas observadas em nosso *corpus*.

Do ponto de vista linguístico, verificamos que os títulos (da comunidade, dos tópicos dos fóruns e das enquetes) são os responsáveis pela instauração das identidades construídas. Eles são os elementos textuais motivadores da participação dos demais membros, além de moldarem e direcionarem os discursos construídos e as identidades professorais consequentes da interação. Percebemos também que, apesar da moldagem discursiva operada pelos autores dos tópicos e enquetes, os demais membros têm papel ativo na prática discursiva. Ao produzir seus textos, os sujeitos respondentes remodelam o discurso; mas sempre no sentido de acrescentar atributos degradantes às identidades pejorativas já construídas. A prova disso está no fato de não encontrarmos na comunidade observada nenhum aluno construtor de identidades positivas de seus professores. Acreditamos que os elementos textuais usados para compor o perfil da comunidade (o título, a foto/imagem de exibição, os nomes de exibição dos participantes a descrição e as comunidades relacionadas) servem de argumentos para a adesão dos membros e, indiretamente, trazem indícios da identidade professoral construída. Nosso *corpus* evidenciou que esses elementos, de forma implícita ou explícita, são alicerçados na violência.

Por fim, ressaltamos que este estudo não esgotou todas as possibilidades de reflexões sobre o tema; pelo contrário, ainda há muito sobre o que pesquisar, pois a cada

minuto novos textos violentos são postados nas comunidades do Orkut. Esperamos ter contribuído, mesmo que parcialmente, para o entendimento de como se constroem as identidades professorais em ambientes virtuais, a partir do discurso violento proferido por alunos. Esperamos ter iniciado a discussão acadêmica, que deve ser desenvolvida⁸ pelo bem da ciência e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2005.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.
- CELANT, M. A.; MAGALHÃES, M. C. Representações de professoras de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: São Paulo, 2002. p. 319-338.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. Discurso, mudança e hegemonia. In: Emilia Ribeiro Pedro (Org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, p. 77-104.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. Quem precisa da identidade? In: HALL, S. ; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: RJ: Vozes, 2000.
- HOFFNAGEL, J. C. **Temas em antropologia e linguística**. Recife: Bagaço, 2010.
- MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Discursos de identidade**. Campinas/SP: Mercado da Letras, 2003, p. 13-38. OCHS, E. Constructing social identity: a language socialization perspective. **Research on language and social interaction**. 1993. 26(3): 287-306.

⁸ Algumas questões levantadas aqui serão ampliadas em trabalhos futuros de nossa pesquisa de doutorado.

Disponível em http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/ochs/articles/93con_socid.pdf .
Acesso em 31 maio 2010.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Histórias de vida de duas professoras: narrativas como instrumento de construção de identidade profissional. In MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Discursos de identidade**. Campinas/SP: Mercado da Letras, 2003. p. 249-271.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVEIRA, R. M. Dois olhares sobre como é “ser professor”: vozes da literatura infanto-juvenil e vozes de alunos(as) do ensino fundamental. In: MOITA LOPES, L. P. de; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: São Paulo, 2002. p. 293-318.

SOUZA, H. V. A. **A charge virtual e a construção de identidades**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In HALL, S. & WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.